



CÍRCULO INICIÁTICO DE HERMES

A Tríplice Muralha Druídica¹

por René Guénon em “Símbolos da Ciência Sagrada”, Editora Pensamento, Brasil

tradução: J. Constantino Kairalla Riemma

edição C.:I.:H.:. Fr. Goya

O Sr. Paul Le Cour assinalou na revista *Atlantis*, de julho-agosto de 1928, um curioso símbolo traçado sobre uma pedra druídica descoberta por volta de 1800, em Suèvres (Loir-et-Cher), e que havia sido anteriormente estudada pelo Sr. E.-C. Florance, presidente da Sociedade de História Natural e Antropologia de Loir-et-Cher. Este último pensa que a localidade em que foi encontrada essa pedra poderia ter sido o lugar da reunião anual dos druidas, situado, segundo César, nos confins do país dos Carnutos². Sua atenção foi atraída pelo fato de que o mesmo signo encontra-se num sinete de oculista galo-romano, encontrado por volta de 1870, em Villefranche-sur-Cher (Loir-et-Cher), e lança a idéia de que poderia representar uma tríplice muralha sagrada. Esse símbolo, de fato, é formado por três quadrados concêntricos, ligados entre si por quatro linhas em ângulo reto (Fig. 1).

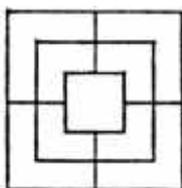


Fig.01

No mesmo momento em que aparecia o artigo da *Atlantis*, o Sr. Florance era informado de que idêntico símbolo estava gravado sobre uma grande pedra de embasamento de um contraforte da igreja de Sainte-Gemme (Loir-et-Cher), pedra que parece, aliás, ter procedência anterior à construção dessa igreja, e que poderia mesmo remontar ao druidismo. É certo além do mais que, como muitos outros símbolos célticos, em particular o da roda, essa figura permaneceu em uso até a Idade Média, visto que o sr. Charbonneau-Lassay assinalou-a entre os "graffiti" do torreão de Chinon³, juntamente com outra não menos antiga, formada de oito raios e circunscrita por um quadrado (Fig. 2), que se encontra sobre o "bétilo"⁴ de Kermaria estudado pelo Sr. J. Loth⁵ e ao qual já tivemos ocasião de nos referir em outra parte⁶. O Sr. Le Cour indica que o símbolo do tríplice quadrado encontra-se, também, em Roma, no claustro de São Paulo, que data do século XIII, e que, mais ainda, era conhecido na Antiguidade por outros, além dos celtas, visto que ele próprio o tinha observado por diversas vezes na Acrópole de Atenas, sobre as lajes do Partenon e do Erectéion.

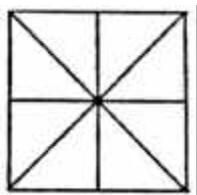


Fig.02

¹ Publicado na revista *Le Voile d'Ísis*, jun. 1929.

² César diz: *in finibus Carnatum*; a interpretação nos parece passível de alguma dúvida, pois *finis* nem sempre significa "confins", mas sim, freqüentemente, o próprio país. Por outro lado, não parece que se tenha encontrado em Suèvres nada que lembre o *Omphalos* que, no *Meionemeton* da Gália, devia ser representado por menir, de acordo com o uso dos povos célticos.

³ *Le Coeur rayonnant du donjon de Chinon*.

⁴ O bétilo é usualmente definido como "pedra sagrada, considerada como a morada de um deus". (N.T.)

⁵ *L' "Omphalos" chez les Celtes*, na *Revue des Études anciennes*, jul.-set. 1915.

⁶ O Rei do Mundo, Cap. IX; *L' "Omphalos"*, *symbole du Centre*, na *Regnabit*, jun. 1926.



CÍRCULO INICIÁTICO DE HERMES

A interpretação do símbolo em questão, como representando uma muralha tríplice, nos parece muito justa. O Sr. Le Cour, a esse respeito, estabelece uma relação com o que diz Platão, que, ao falar da metrópole dos atlantes, descreve o palácio de Poseidon como edificado no centro de três muralhas concêntricas, ligadas entre si por canais, o que forma, com efeito, uma figura análoga à que estamos tratando, porém circular ao invés de quadrada.

Agora, qual pode ser a significação dessas três muralhas? Pensamos, imediatamente, que devia tratar-se de três graus de iniciação, de tal forma que o seu conjunto poderia ser, de certo modo, a representação da hierarquia druídica. O fato de que essa mesma figura é encontrada em outros povos além dos celtas indicaria a existência, em outras formas tradicionais; de hierarquias constituídas sob o mesmo modelo, o que é perfeitamente normal. A divisão da iniciação em três graus é, aliás, a mais freqüente e, poderíamos dizer, a mais fundamental. Todas as demais apenas representam, em suma, em relação àquela, subdivisões ou desenvolvimentos mais ou menos complicados. O que nos deu essa idéia foi o conhecimento que tivemos, anteriormente, de documentos que, em certos sistemas maçônicos de altos graus, descrevem precisamente tais graus como muralhas sucessivas traçadas ao redor de um ponto central⁷. Seguramente, esses documentos são incomparavelmente menos antigos que os monumentos dos quais estamos tratando, mas nem por isso pode-se deixar de ver neles um eco de tradições que lhe são muito anteriores, e, ao menos, nos fornecem nesta circunstância um ponto de partida para interessantes comparações.

É preciso esclarecer que a explicação que propomos não é, em absoluto, incompatível com a de alguns outros, tal como a examinada pelo Sr. Le Cour, que relaciona as três muralhas aos três círculos da existência reconhecidos pela tradição céltica. Esses três círculos, que se encontram sob outra forma no cristianismo, são também os mesmos "três mundos" da tradição hindu. Nesta, além disso, os círculos celestes são, às vezes, representados por muralhas concêntricas ao redor do *Mêru*, ou seja, a Montanha Sagrada que simboliza o "Pólo" ou o "Eixo do Mundo", o que é uma concordância das mais notáveis. Longe de se excluírem, as duas explicações se harmonizam perfeitamente, e poderíamos mesmo dizer que elas coincidem num certo sentido, pois, se for o caso de iniciação real, seus graus correspondem a igual número de estados do ser, e esses estados são descritos em todas as tradições como mundos diferentes, pois deve ficar bem claro que a "localização" tem apenas um caráter puramente simbólico. Já explicamos, a propósito de Dante⁸, que os céus são na verdade "hierarquias espirituais", isto é, graus de iniciação e, evidentemente, referem-se ao mesmo tempo aos graus da existência universal, pois, como dizíamos então⁹, em virtude da analogia constitutiva do Macrocosmo e do Microcosmo, o processo iniciático reproduz de forma rigorosa o processo cosmogônico. Acrescentaremos que, de um modo geral, a propriedade de toda interpretação verdadeiramente iniciática é a de não ser jamais exclusiva, mas, ao contrário, compreender sinteticamente em si própria todas as demais interpretações possíveis. É por isso, aliás, que o simbolismo, com os seus múltiplos e superpostos sentidos, é o meio de expressão normal de todo verdadeiro ensinamento iniciático.

Com essa mesma explicação, o sentido das quatro linhas dispostas em forma de cruz, e que ligam as três muralhas, torna-se de imediato muito claro: são os canais por meio dos quais o ensinamento da doutrina tradicional se comunica de alto a baixo, a partir do grau supremo, que é o depositário desse ensinamento, repartindo-se hierarquicamente pelos demais graus. A parte central da figura corresponde, portanto, à "fonte do ensinamento", da qual falam Dante e os "Fiéis de Amor"¹⁰, e a disposição crucial dos quatro canais que dela partem identificam-se aos quatro rios do Paredes.

A esse respeito convém notar que existe, entre a forma circular e quadrada da figura, uma nuance importante, ou seja, elas se referem respectivamente ao simbolismo do Paraíso Terrestre e da Jerusalém Celeste¹¹. Com efeito, sempre há analogia e correspondência entre o começo e o fim de um ciclo qualquer, mas, no fim, o círculo é substituído pelo quadrado, o que indica a realização daquilo que os hermetistas

⁷ O Sr. Le Cour registra que o ponto central encontra-se assinalado na maior parte das figuras vistas por ele na Acrópole de Atenas.

⁸ *Esoterismo de Dante*, Cap. II.

⁹ *Ibidem*, Cap. VI.

¹⁰ Ver nosso artigo na revista *Le Voile d'Isis*, fev. 1929.

¹¹ *O Rei do Mundo*, Cap. XI; sobre as relações entre o Paraíso Terrestre e a Jerusalém Celeste, ver também *O Esoterismo de Dante*, Cap. VIII.



CÍRCULO INICIÁTICO DE HERMES

designam simbolicamente como a "quadratura do círculo"¹²; a esfera, que representa o desenvolvimento das possibilidades mediante a expansão do ponto primordial e central, transforma-se num cubo, quando esse desenvolvimento é concluído, e alcança o equilíbrio final para o ciclo considerado¹³.

Para aplicar de modo mais específico essas considerações à questão que nos ocupa no momento, diremos que a forma circular deve representar o ponto de partida de uma tradição, o que é bem o caso no que diz respeito à Atlântida¹⁴, e que a forma quadrada é o seu ponto de finalização, que corresponde à constituição de uma forma tradicional derivada. No primeiro caso, o centro da figura seria então a fonte da doutrina, enquanto que, no segundo, seria precisamente o reservatório, tendo aí a autoridade espiritual um papel de conservação; mas o simbolismo da "fonte de ensinamento" aplica-se, por certo, tanto a um como ao outro¹⁵.

Do ponto de vista do simbolismo numérico, é preciso notar ainda que o conjunto dos três quadrados forma o duodenário. Disposto de outro modo (Fig. 3), esses três quadrados, aos quais se juntam ainda quatro linhas em cruz, constituem a figura na qual os antigos astrólogos inscreviam o zodíaco¹⁶. Essa figura era também considerada como a de Jerusalém Celeste, com suas doze portas, três em cada um dos lados, o que possui uma relação evidente com a significação que acabamos de indicar para a forma quadrada.

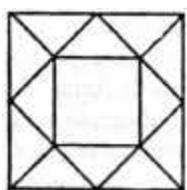


Fig.03

Haveria, sem dúvida, muitas outras relações para considerar, mas pensamos que essas indicações, por mais incompletas que possam ser, contribuirão para trazer alguma luz sobre a misteriosa questão da tríplice muralha druídica.

¹² A quadratura não pode ser obtida no "devir" ou no próprio movimento do ciclo, pois ela exprime a fixação resultante da "passagem ao limite"; e, sendo todo movimento cíclico verdadeiramente indefinido, o limite não pode ser alcançado percorrendo-se de modo sucessivo e analítico todos os pontos correspondentes a cada momento do desenvolvimento da manifestação.

¹³ Seria fácil estabelecer aqui uma relação com o símbolo maçônico da "pedra cúbica", que se refere também à idéia de acabamento e perfeição, isto é, à realização da plenitude das possibilidades compreendidas num certo estado. [Cf. Cap.48]

¹⁴ É necessário deixar bem claro que a tradição atlante não é, contudo, a tradição primordial para o presente *Manvantara*, e que ela própria é secundária em relação à tradição hiperbórea; é só de modo relativo que se pode tomá-la como ponto de partida, no que diz respeito a certo período que é apenas uma das subdivisões do *Manvantara*.

¹⁵ A outra figura que reproduzimos mais acima (Fig. 2) apresenta-se muitas vezes sob a forma circular: é então uma das variedades mais habituais da roda. Essa roda de oito raios é, sob certos aspectos, equivalente ao lótus de oito pétalas, mais particular às tradições orientais, do mesmo modo que a roda de seis raios equivale ao lírio, que tem seis pétalas (veja os nossos artigos [Cap.50] *Os Símbolos da Analogia* e [Cap.8] *A Idéia de Centro nas Tradições Antigas*).

¹⁶ As quatro linhas em cruz, são, então, colocadas diagonalmente em relação aos dois quadrados extremos, e o espaço compreendidos entre eles fica dividido em doze triângulos retângulos iguais.